

Histórias de sol

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

— Agora vou contar! — disse o vento.

— Não, com licença — disse a chuva —, agora é minha vez! O senhor já ficou tempo demais na esquina, uivando tudo o que podia uivar!

— É esse o agradecimento — disse o vento — por eu ter virado tantos guarda-chuvas em sua homenagem e até os quebrado quando as pessoas não queriam saber da senhora?

— Eu vou contar! — disse a luz do sol. — Silêncio!

Disse isso com tanto brilho e majestade que o vento se deitou de corpo inteiro; mas a chuva o sacudiu e disse:

— Temos de aguentar isto! Ela sempre se abre caminho, essa senhora Luz do Sol. Não vamos escutar! Não vale a pena escutar!

E a luz do sol contou:

— Um cisne voou sobre o mar ondulante; cada pena brilhava como ouro; uma pena caiu no grande navio mercante que passava a toda vela; caiu nos cabelos cacheados do jovem que fiscalizava as mercadorias, a quem chamavam de sobrecargo. A pena da ave da sorte tocou-lhe a testa, tornou-se pena de escrever em sua mão, e ele logo se tornou o rico comerciante que bem podia comprar esporas de ouro e transformar travessas de ouro em brasões de nobreza; eu iluminei tudo isso! — disse a luz do sol.

— O cisne voou sobre o prado verde onde o pequeno pastor de ovelhas, um menino de sete anos, se deitara à sombra da velha e única árvore daquele lugar. Em seu voo, o cisne beijou uma folha da árvore, que caiu na mão do menino; aquela folha se tornou três, tornou-se dez, tornou-se um livro inteiro, e nele ele leu sobre as maravilhas da natureza, a língua materna, a fé e o conhecimento. Na hora de dormir, pôs o livro debaixo da cabeça para não esquecer o que lera, e o livro o levou ao banco da escola, à mesa do saber. Li o nome dele entre os dos sábios! — disse a luz do sol.

— O cisne voou para a solidão da floresta, descansou nos lagos escuros e quietos onde crescem nenúfares, onde crescem macieiras silvestres, onde o cavalo e o pombo-torcaz têm sua morada.

“Uma mulher pobre recolhia lenha, galhos caídos, e os carregava nas costas; levava seu filhinho ao peito e seguia para casa. Viu o cisne dourado, o cisne da sorte, erguer-se da margem coberta de caniços. O que brilhava ali? Um ovo de ouro; ela o pôs junto ao peito, e ele ficou mais quente; certamente havia vida no ovo. Sim, algo bicava dentro da casca; ela sentiu e pensou que fosse o próprio coração batendo.

“Em casa, em seu pobre quarto, pegou o ovo de ouro. ‘Tique! Tique!’, dizia ele, como se fosse um precioso relógio de ouro; mas era um ovo com vida viva. O ovo se abriu, e um pequeno filhote de cisne, coberto de penas que pareciam de ouro puro, pôs a cabeça para fora; tinha quatro anéis ao redor do pescoço, e, como a mulher pobre tinha justamente quatro meninos, três em casa e o quarto que levava consigo à solidão da floresta, logo entendeu que havia um anel para cada filho; no momento em que entendeu, o passarinho de ouro voou.

“Ela beijou cada anel, fez cada criança beijar um deles, pôs o anel junto ao coração da criança e depois no seu dedo.”

— Eu vi isso! — disse a luz do sol. — Vi o que aconteceu depois!

“Um dos meninos se sentou na barreira de argila, pegou um torrão na mão, modelou-o com os dedos, e ele se tornou uma figura de Jasão, que fora buscar o velocino de ouro.

“O outro menino correu imediatamente para o prado, onde as flores tinham todas as cores imagináveis; colheu um punhado e o apertou com tanta força que a seiva lhe espirrou nos olhos, molhou o anel, e houve um formigamento nos pensamentos e na mão; anos depois, a grande cidade falava do grande pintor.

“O terceiro menino segurou o anel com tanta força na boca que ele produziu um som, um eco do fundo do coração; sentimentos e pensamentos se elevaram em tons, elevaram-se como cisnes cantores e mergulharam como cisnes no lago profundo, o lago profundo do pensamento; ele se tornou o mestre dos sons, e agora cada país pode pensar: ‘Ele me pertence!’

“O quarto pequeno, sim, era um pequenote; tinha pevide, diziam, e devia receber pimenta e manteiga como os pintinhos doentes! Davam às palavras o sentido que queriam: ‘Pimenta e manteiga!’ E isso ele recebeu; mas de mim recebeu um beijo de sol”, disse a luz do sol. “Recebeu dez beijos por um. Tinha natureza de poeta; foi empurrado e beijado, mas tinha o anel da sorte vindo do cisne dourado da sorte. Seus pensamentos voaram como borboletas douradas, símbolo da imortalidade!”

— Que história comprida! — disse o vento.

— E sem graça! — disse a chuva. — Sobre em mim, para eu me recuperar!

O vento soprou, e a luz do sol contou:

— O cisne da sorte voou sobre a profunda baía onde os pescadores tinham estendido suas redes. O mais pobre deles pensava em se casar, e se casou.

“A ele o cisne trouxe um pedaço de âmbar; o âmbar atrai, e atraiu corações àquela casa. O âmbar é o mais belo incenso. Veio um perfume como o da igreja, veio um perfume da natureza de Deus. Eles sentiram verdadeiramente a felicidade da vida doméstica, o contentamento com os poucos recursos, e então sua vida se tornou toda uma história de sol.”

— Vamos encerrar agora! — disse o vento. — A luz do sol já contou por tempo suficiente. Fiquei entediado!

— Eu também! — disse a chuva.

E o que dizemos nós, os outros que ouvimos as histórias?

Dizemos: “Agora elas foram contadas!”

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/historias-de-sol>